

A Imutável importância da Geografia¹

David G. Hansen*

Matéria extraída de artigo do autor publicado na *Military Review*, 2º Trimestre de 1997, sob o mesmo título.

Certa vez, um amigo comentou que sua única lembrança da geografia, do seu tempo de escola, era de que não gostava. Realmente, muitos de nós tendem a achar que a geografia, especialmente a geografia estratégica, tornou-

se uma ciência arcaica, de pouca utilidade para o profissional militar moderno. Uma vez que temos acesso aos mais recentes desenvolvimentos em tecnologia e informação, quem necessita saber a localização do estreito de Málaca, ou entender os padrões da colonização cul-

tural africana, ou saber quais são os componentes de uma saliência rochosa continental?²

Estudantes e profissionais da política de segurança nacional aprenderam, através de suas experiências pessoais, ou por intuição, que a estratégia é realizada sobre território e espaço. Em última análise, operações militares consistem em controlar territórios e influenciar populações. A submissão do território e da população, como também o controle do espaço aéreo, são considerações geográficas.

Tudo isso pode ser considerado um pouco *clauswitziano*; contudo, poucas foram as tentativas de refutar os argumentos de Clausewitz de que território, povo, e aqueles que controlam os fatores físicos são as bases

* Coronel do Exército dos EUA.

1. Selecionado pelo PADECEME.

2. Algumas dessas ambivalências podem ser atribuídas à extinção da Geografia como disciplina curricular de estudo, em favor dos "estudos sociais", (como descrito neste artigo existem inúmeras superposições com a definição de "geografia" agora expandindo-se além de considerações de terra e água para incluir aspectos culturais, políticos e históricos). Há 30 anos educadores acreditavam que professores de geografia não precisavam de treinamento especial; a disciplina podia ser ministrada por professores cujos campos próprios fosse história, moral e cívica ou até lições particulares. Agora, o analfabetismo geográfico do povo norte-americano tornou-se uma queixa comum, feita geralmente pelos mesmos planejadores que introduziram a Geografia no programa de ciências sociais e eliminaram, ao mesmo tempo, os requisitos educacionais para professores secundários.

Infelizmente essa atitude anti-geográfica não é só com aqueles que concluem escolas de 1º grau. Eu leciono Geografia a alunos do 2º grau e alunos dos cursos de pós-graduação. Os alunos que se tornam professores primários e secundários assistem as minhas aulas para obterem crédito no curso de geografia exigido para obtenção do certificado estadual. Ao longo dos últimos anos, no primeiro dia de aula, tenho ministrado um teste diagnóstico com o objetivo de determinar seus conhecimentos geográficos. Uma das perguntas é: "Qual o nome do maior país localizado imediatamente ao sul do Texas?" Meus alunos, certamente uma amostra não-científica do universo, têm sido incapazes de responderem corretamente (isto é, mesmo nomear qualquer país ao sul do Texas) na terça parte do tempo. Além disso, quando revisei a sua preparação, 2/3 nunca haviam feito um curso de geografia em suas carreiras escolares.

sobre as quais uma estratégia bem-sucedida é construída. Da mesma forma, Sun Tzu disse, 2000 anos antes de Clausewitz, que *os elementos da arte de guerra são a medida do espaço, a estimativa de quantidades, os cálculos, as comparações, e as oportunidades de vitória*. O estudo da Geografia para o profissional militar deveria incluir assuntos que emprestarão clareza aos temas relacionados ao espaço geográfico, possibilitando a realização de cálculos e de comparações. Para assegurar que um conceito ou plano específico alcance os fins estratégicos desejados, os estrategistas deveriam fazer, inicialmente, um esforço determinado para tornarem-se

familiarizados com os campos da Geografia, da mesma maneira que são com a história ou qualquer outra disciplina acadêmica.³

Este artigo procura demonstrar a imutável importância da Geografia para os estrategistas. A Geografia mal-compreendida ou mal-empregada pode confundir nosso pensamento e frustrar nossos melhores esforços no estabelecimento de uma estratégia de segurança nacional eficaz. Entretanto, a Geografia aplicada sábia e inteligentemente é uma disciplina capaz de esclarecer assuntos estratégicos e aumentar as oportunidades de êxito de qualquer esforço político, econômico, ou militar.

GEOGRAFIA ENTENDIDA E MAL COMPREENDIDA

Os geógrafos expandiram a disciplina, antes considerada como de sua exclusividade, englobando clima, condições meteorológicas, vegetação, solo, geologia, e a restrita especialização de nomes de localidades. Atualmente, a disciplina ostenta especialistas regionais e subcampos que incluem economia, política, doenças, cultura, estudos urbanos, desenvolvimento, popula-

ção, saúde, e até mesmo História. Realmente, o programa de especialização regional do Exército exige que os seus titulares estudem e se familiarizem com várias dessas mesmas disciplinas, transformando os especialistas regionais em recursos inestimáveis para os estrategistas. Porém, estrategistas e profissionais militares não deveriam relegar o estudo de questões geográficas aos poucos regionalistas do serviço ativo, especialistas do Departamento de Estado, ou aos acadêmicos civis; preferivelmente, todos os profissionais militares dos postos mais elevados, especialmente aqueles que se preocupam com assuntos estratégicos, deveriam ter um conhecimento funcional dos subcampos da Geografia. Em todos os seus aspectos, a Geografia os auxiliará a compreender as mudanças que vêm ocorrendo no mundo, procurando dar sentido ao seu rumo.

Não obstante a utilidade da Geografia para os estrategistas, não devemos concluir que ela determina onde os conflitos irão ocorrer, ou que deveria ditar as normas da estratégia. No século passado, vários deterministas geográficos, inclusive o Almirante Alfred Thayer

3. Meu objetivo neste caso não é discutir se os estrategistas deveriam estudar Geografia às custas de outras disciplinas. É trivial mas verdade que todas as disciplinas acadêmicas são complementares e úteis ao estrategista. Por exemplo, a História examina assuntos em diferentes épocas, mas a Geografia examina assuntos em relação ao espaço. A História ajuda na compreensão da criação, evolução e resoluções de problemas; entretanto, a Geografia pode ser utilizada para examinar como esses mesmos eventos se relacionam entre si econômica, cultural, e politicamente. A combinação das duas disciplinas permite ao estrategista aprender o que tem e não tem funcionado em situações anteriores, e a Geografia terá a chance de revelar uma relação oculta que conduziu aos resultados descritos pelo historiador.

Mahan e Nicholas Spykman, desenvolveram teorias das quais evoluíram políticas nacionais. É acreditado, amplamente, que Mahan foi o responsável pela confiança que os Estados Unidos depositaram em uma Marinha poderosa para levá-lo a expandir suas possessões no além-mar. Um resultado foi que, em 1898, o presidente McKinley enviou uma esquadra norte-americana de seis navios de guerra para a Baía de Manila. Sem conhecer a importância de sua decisão, McKinley declarou à imprensa não saber onde as Filipinas se localizavam. *Deus me falou para tomar as Filipinas*, frisou ele. Somente a inaptidão dos espanhóis e a nossa sorte fenomenal impediram que a Guerra Hispano-Americana fosse um desastre.⁴

Nicholas Spykman disse, em 1944, que a periferia da

Eurásia continha a chave do poder global. Suas teorias são consideradas, pela maioria dos estudiosos, terem orientado as normas políticas que formaram as idéias estratégicas durante a Guerra Fria, com seus efeitos refletidos até a presente década.

Recentemente, o estrategista moderno Colin Gray fez uso da teoria do Sir Halford Mackinder (1861-1947) onde as áreas centrais protegidas do oeste russo e leste europeu, chamada por MacKinder de *centro da terra*, se tornariam o palco para o domínio do mundo. Gray defendeu a tese de Mackinder no livro *The Geopolitics of Super Power* (1988), observando que *por mais distante no futuro que possa ser clamada como sendo de uma importância contemporânea, a União Soviética continuará a ser fonte de perigo, estreitamente, para a segurança nacional dos EUA e, mais abertamente (e quase literalmente), para o exercício dos valores da civilização ocidental*.⁵ A obra de Gray oferece mais do que um elogio a Mackinder, demonstrando que suas idéias *proporcionaram uma arquitetura intelectual, muito superior às concepções con-*

trárias, por entender as principais questões de segurança internacional,⁶ tudo isso apenas 2 anos antes do colapso da União Soviética.

Evidentemente, deve-se ter cuidado em empregar a História para explicar a importância geográfica de uma área.

Em recente exemplar da *Military History Quarterly* (MHQ), um respeitado jornal de História Militar, o editor e um colaborador postularam que Jerusalém tem sido historicamente um *ponto de estrangulamento estratégico*. Tal argumento é totalmente falso. O canal do Suez é um *ponto de estrangulamento estratégico*, mas não a cidade de Jerusalém, mesmo na História antiga. Depois que o rei hebreu Davi tomou a cidade de Jerusalém dos jebuseos (por volta de 1010 A.C.), ela teve pouca importância regional ou internacional. Desde o início da pré-história, os exércitos do Oriente Próximo atravessaram a Palestina ao longo da costa e de Megiddo; geralmente, não se aproximavam de Jerusalém, ou de Jebus, no alto das montanhas acima das estradas costeiras. Josué o primeiro líder conhecido a tentar conquistar toda a Palestina, evitou Jerusalém.⁷ Mais adiante na História, os

4. George J. Demko, *Why in the World: Adventures in Geography* (Nova York: Doubleday, 1992), p. 15

5. Colin S. Gray, *The Geopolitics of Super Power* (Lexington: Univ. of Kentucky Press, 1988), pp. 1-2. Infase no original. Ver meu original, "Seductive Reasoning Behind Dynamic Strategy," *Army*, setembro de 1988, pp. 77-78.

6. *Ibid.*, p.4.

7. "A Judéia não podia desalojar os jebuseus, que estavam vivendo em Jerusalém; até hoje os Jebuseus vivem com o povo da Judéia." 15:63, NIV.

assírios a evitaram e, finalmente, os babilônios a destruíram (587-6 A.C.) pois precisavam do produto do saque e queriam reprimir os conturbadores, mais do que controlá-la como um ponto de estrangulamento.

Até seu recente crescimento demográfico explosivo, Jerusalém encontrava-se bem afastada da rota aquática do norte-sul e a quilômetros de distância ao sul das rotas comerciais que cruzavam a Palestina de leste a oeste. A cidade, topograficamente bem-situada em termos de posição defensiva, esteve por muitos séculos, em tempos antigos, cercada por vales profundos em três lados e possuía sua própria fonte de água. Porém, exceto pelos morros propriamente ditos, a cidade e seus habitantes nunca controlaram (e provavelmente não impediram) nada. Os romanos, e até mesmo Napoleão, evitaram Jerusalém; cada um comandou, sem problemas, a área da Palestina, em diferentes épocas, sem destruir a cidade por sua posição geográfica.

8. Ver David Wirth, "Climate Chaos", *Foreign Policy*, p. 74 (Spring 1989), pp. 3-22. Para uma análise do estado atual do debate sobre o aquecimento global, ver Shawna Vogel, "Has Global Warming Begun?" *Earth*, dezembro de 1995, pp. 24-35.

Jerusalém tornou-se estratégica historicamente não por sua topografia, mas por sua riqueza (1000 - 586 A.C.), sua importância cultural e sua proeminência como o local sagrado das três maiores religiões do mundo. Nos dias de hoje, essas mesmas características culturais determinam a importância estratégica da cidade, como também o fato de ser o centro político e religioso "de direito" do Estado de Israel, e um centro político e religioso "de fato" do Estado ainda não reconhecido da Palestina.

QUESTÕES GEOGRÁFICAS CONTEMPORÂNEAS

Os estrategistas necessitam familiarizar-se com as diversas subdivisões da Geografia, como também com as preocupações tradicionais da Geografia Física. Dessa forma, ajudar-se-ão a compreender o entrelaçamento das relações entre Estado e Nação. Por exemplo, o conhecimento da Geografia ambiental pode ajudar na compreensão potencial de um conflito baseado em aspectos ambientais. Um argumento convincente tem sido que a mudança ambiental poderia afetar o equilíbrio do poder

entre Estados, regional ou globalmente, criando instabilidades que poderiam levar ao conflito armado.⁸ Temperaturas mais quentes poderiam levar à disputa sobre novas rotas navegáveis no Ártico, ou tornar mais acessível a potencial abundância de recursos naturais da Antártica, resultando em uma disputa mundial por seus tesouros. E, se as recentes interpretações dos efeitos do aquecimento global estiverem próximas de acontecer, as implicações para a segurança nacional dos EUA serão espantosas. Um autor concluiu desta maneira:

Os EUA, particularmente, tem feito um grande investimento na manutenção do status quo. Sua preeminência atual em assuntos mundiais, origina-se basicamente da força econômica do país. A produtividade de recursos naturais de um país como as incomparáveis e valiosas terras do meio-oeste, era... pré-requisito para a ascensão dos EUA como uma superpotência na segunda metade do século XX. Uma determinada mudança no clima significa que essa produtividade não pode ser mais encarada como fato consumado. O efeito estufa ameaça a saúde geral da

*economia norte-americana e irá exigir um enorme desvio de recursos para atividades não produtivas que se adaptem à nova situação.*⁹

A mudança ambiental poderia afetar o equilíbrio do poder entre Estados, regional ou globalmente, criando instabilidades que poderiam levar ao conflito armado.

Dentre outros aspectos da Geografia que preocupam os estrategistas contemporâneos está a questão das passagens de águas internacionais. Existem mais de 100 estreitos internacionais que são utilizados para a navegação com larguras que variam entre 6 e 24 milhas. Essas passagens podem ser corretamente denominadas de pontos de estrangulamento estratégicos.

A Lei de Convenção Marítima traduz uma norma elaborada para prevenir que os Estados fronteiriços fechem esses estreitos ao tráfico inocente. Os EUA têm evitado aderir a essa convenção, entretanto, por razões que têm muito mais a ver com a futura exploração de nódulos submarinos de manganês, uma consideração econômica de extrema im-

portância, do que com a segurança nacional.

Ainda, os estrategistas, ao considerarem os planos de transporte de tropas pelo

mundo, precisam estar cientes do fato de podermos não ter acesso livre para atingirmos os locais onde queremos combater, incluindo permissão de sobrevôo de espaço aéreo. Basta recordar que, em 1986, os EUA não obtiveram permissão para sobrevoar os territórios da França e da Espanha, nossos aliados na OTAN, para bombardear a Líbia. Ao invés de nossas aeronaves tomarem a rota mais direta, de suas bases na Inglaterra em direção aos alvos, os pilotos tiveram que fazer um círculo a oeste da Espanha, enfiar-se pelo estreito de Gibraltar, atacar o alvo, e retornar pela mesma rota, acrescentando horas desnecessárias à missão, e aumentando o risco para as tripulações.

Muito freqüentemente, no planejamento de intervenções e durante o seu apoio, tomamos como direito adquirido o livre acesso. Considere-se a tonelagem de muni-

ção transportada via marítima para Arábia Saudita em 1990-91. Calcule-se agora, o número de sortidas que teria sido necessário apenas para o transporte da munição de mais alta prioridade, caso nos tivesse sido negado o acesso através dos estreitos de Gibraltar e Hormuz.

Questões envolvendo a Lei da Convenção Marítima emergem freqüentemente e tem conduzido a confrontações entre aliados da OTAN, bem como a disputas judiciais entre os EUA e nações amigas. Podemos esperar que o futuro seja significativamente diferente?

A interrupção das fontes históricas de águas é uma outra questão que poderá terminar em conflito. Um autor observou que *as fontes de águas asseguradas são tão importantes para Israel que uma das razões que o levou à guerra em 1967 foi o fato de a Síria e de a Jordânia tentarem desviar o curso do Rio Jordão. Sessenta por cento da água consumida por Israel provém do rio Jordão, porém somente 3% da bacia do rio estava situada em seu território, antes da Guerra dos Seis Dias.*¹⁰ É interessante verificar que o artigo 6º do Tratado Israel-Jordânia, de 1994, era uma

9. Wirth, p. 11

10. Norman Myers, "Environment and Security," *Foreign Policy*, 74 (Spring 1989), p. 28.

delineação das fontes de água, enquanto que o artigo 9^o tratava dos *locais de significância histórica e religiosa*.¹¹ A Jordânia é um dos países mais secos do planeta, possuindo menos água do que seus vizinhos ou do que qualquer um dos Estados do Saara.¹² Um estrategista pode ser levado a acreditar que lugares históricos e território são os únicos aspectos em jogo nos diálogos entre israelenses e palestinos. A mídia raramente menciona que a água é uma significativa preocupação para toda a região.

Uma outra questão geográfica contemporânea importante é a produção mundial de alimentos. Nosso recente envolvimento na Somália foi uma consequência direta da pressão popular para aliviar o sofrimento dos habitantes daquele país. Lá, como em muitas outras situações, o mundo tem visto que uma redução na produção de alimentos resultará em ondas de refugiados que podem levar a um conflito. Entretanto, quantos estrategistas

irão considerar esses problemas quando se debaterem com a política de segurança norte-americana no próximo século?

Apesar da tendência de os EUA empregarem ou ameaçarem com forças militares, desde que se tornou a única superpotência remanescente,

uma esquadra sobre o horizonte, os mísseis de cruzeiro em alojamentos na barriga de um antigo B-52 não significam sofisticação na gerência de questões geopolíticas.

Entretanto, o interesse intenso e persistente em todas as formas da Geografia, pode ajudar o estrategista

O mundo tem visto que uma redução na produção de alimentos resultará em ondas de refugiados que podem levar a um conflito.

conflitos internacionais envolverão, inevitavelmente, países aliados ou amigos que nada têm a ver com o problema. Por exemplo, saber por onde correm os maiores sistemas de rios do Oriente Médio, e que países eles atravessam poderia ajudar os estrategistas a prever os problemas que eventualmente surgiram das represas em construção na Turquia ou em qualquer outro lugar. Questões como essas requerem um conhecimento da Geografia, se quisermos prever, entender e obter vantagens em nosso proveito.

O pensamento estratégico exigirá freqüentemente mais opções do que o emprego direto da força para a solução de problemas. A capacidade de colocar tropas no terreno,

a abordar os problemas de maneira que envolva todos os elementos do poder nacional na busca por resultados pacíficos.

COMPREENDENDO CULTURAS

Os estrategistas também devem se familiarizar com as diferenças culturais entre os povos do mundo, um importante e crescente campo da Geografia. Um passo para o esclarecimento da profissão militar foi fornecido pelo artigo escrito por Paul M. Belbutowski, *Strategic Implications of Culture in Conflict*, publicado no exemplar da *Parameters*, Spring 96.¹³

Nesse mesmo exemplar, o major Ralph Peters apontou, de forma dramática, que a

11. *The New York Times*, 27 de outubro de 1994, p. A-13.

12. "Raising the Dead Sea", *New Scientist*, 22 (julho de 1995), pp. 32-37.

13. Paul M. Belbutowski, "Strategic Implications of Cultures in Conflict".

geografia de conflitos futuros pode bem ser o ambiente para o qual estamos menos preparados: as cidades e complexos urbanos dos países em desenvolvimento. Como os EUA descobriram, na Somália, mesmo uma cidade desolada e pobre como Mogadíscio, com uma população estimada em apenas 600.000, pode confundir nosso planejamento estratégico e operacional. Similarmente, os soviéticos pagaram o preço por tentarem operar em Kabul, uma cidade com o dobro da população, empregando uma doutrina desenvolvida para neutralizar as forças da OTAN na Europa.

Em seu recente artigo, Jeffrey Record, ao ensaiar teorias sobre a possibilidade de os EUA terem ganho a Guerra do Vietnã, concluiu que *os esforços de guerra dos EUA foram comprometidos não apenas por deixarem de avaliar a complexidade e evolução do caráter da guerra, mas, também, por uma ignorância fundamental*

14. Jeffrey Record, "Vietnam in Retrospect: Could We Have Won?" *Parameters*, 26 (Winter 1996-97), p. 55

15. Samuel P. Huntington, "The Clash of Civilizations?" *Foreign Affairs*, 72 (Summer 1993), p.25.

16. *Ibid.* *Parameters*, 26 (Spring 1996), pp. 32-42.

do país, sua história, e cultura.¹⁴ O artigo germinal de Samuel P. Huntington, *The Clash of Civilizations?* também salientou a importância de compreender as culturas. Huntington motivou estrategistas acadêmicos a saírem de suas letargias, em 1993, quando afirmou, que *no futuro, o mundo será moldado em grande parte pelas interações entre sete ou oito civilizações principais, identificadas como ocidental, confucionista, japonesa, islâmica, hindu, eslavo-ortodoxa, latino-americana, e possivelmente africana.*¹⁵

Ele baseou seu parecer no fato de que, através dos séculos, *diferenças entre civilizações têm gerado os mais prolongados e mais violentos conflitos.*¹⁶ Os conflitos de longa duração entre islâmicos e outros grupos nas Filipinas e Indonésia reforçaram a precisão de Huntington, enquanto os eventos que ocorrem nos Bálcãs desde 1991 não têm desafiado sua tese seriamente. Em que pese os compromissos econômico e humano dos EUA em seus esforços para resolver os problemas dos Bálcãs, e apesar da decisão presidencial, tomada em 1995, de desdobrar milhares

de combatentes norte-americanos na região, quantos políticos ou cidadãos interessados têm desenvolvido ao menos uma noção do emaranhado de diferenças culturais, religiosas, e étnicas existentes naquela região? Poderia uma maior conscientização do povo ter modificado a política dos EUA? Poderia pelo menos ter forçado expectativas mais claras dos limites do nosso interesse e da duração do nosso envolvimento naquela região?

As tentativas de explicar nossa presença como sendo *do interesse norte-americano* ainda não são aceitáveis. Talvez essa situação mudasse se os estrategistas militares e os formuladores de política da segurança nacional pudessem melhor compreender e articular a importância das culturas, as nossas assim como as outras, ao considerarem nossas políticas.

GEOGRAFIA E POLÍTICA

53

Martin van Creveld expressa, em seu livro *The Transformation of War: A lógica da estratégia propriamente dita requer que o motivo do adversário seja entendido, já que sobre isso descansa qualquer perspec-*

*tiva de sucesso na guerra. Se durante o processo, a idéia de interesse tem que ser descartada, então que assim o seja.*¹⁷ Embora se possa discordar da implicação que poderia ter para os EUA manter por muito tempo as tropas no terreno, sem que haja um interesse nacional em jogo, certamente Van Creveld está correto ao dizer que o motivo do oponente deve ser sempre compreendido.

Embora vital, essa é uma tarefa difícil e nem sempre bem executada pelos estrategistas e historiadores norte-americanos. A Guerra das Ilhas Britânicas de Falkland proporciona um caso ilustrativo. Em 1992, 14.000 soldados argentinos tomaram as indefesas Ilhas Malvinas (a 250 milhas de distância da costa argentina) dos britânicos, os quais haviam assumido, em 1883, o controle dessas ilhas áridas e varridas pelos ventos, mais conhecidas por abrigar pinguins, focas, e outros animais marinhos.

Livros textos tentam arduamente explicar por que os

britânicos foram à guerra empreendendo um conflito que, no fim, custou centenas de vidas britânicas e argentinas, o naufrágio de navios de guerra britânicos e argentinos, e uma enorme soma de dinheiro. Um dos textos explica o envolvimento britânico desta notável maneira: *considerar, por exemplo, a Guerra das Malvinas e o honorável leão britânico defendendo seu território. Os leões machos demarcam seu território. Ousado daquele outro leão que se atreva a invadir o espaço demarcado.*¹⁸

Tais observações, apresentadas em um livro texto, para explicar um importante movimento estratégico realizado por parte de um aliado da OTAN, desafia a razão e a lógica. São uma afronta à sensibilidade e à inteligência de nossos estudantes. Infelizmente, poucas monografias ou artigos são dirigidos às questões estratégicas em jogo na Guerra das Malvinas, o que permite invenções simples, como a precedente, para suprir a lacuna, na tentativa de explicar questões estratégicas. Alguns escritores autênticos têm racionalizado que a guerra significou pouco mais do que uma Grã-Bretanha decadente

fazendo valer seus direitos soberanos. Porém esse argumento dificilmente demonstra lógica, uma vez que a pouco menos de três décadas, os ingleses, voluntariamente, desistiram de posses territoriais muito maiores que possuíam pelo mundo. Por que os ingleses se arriscariam em uma guerra, e sua reputação estratégica, atravessando meio mundo para reivindicar um amontoado de rochas no Atlântico Sul? Honra? Certamente que não. A Geografia, por outro lado, pode nos apresentar algumas razões, se não uma resposta.

As Malvinas situam-se sobre uma das maiores plataformas submarinas continentais do mundo, uma rica forma natural com potenciais depósitos de petróleo, cujo mar circundante é prolífero em fauna e nutrientes. O desejo dos ingleses de proteger um tesouro econômico internacional em potencial, mais do que explicações loquazes, ou teóricas inválidas de relativismo biológico, oferece a mais razoável das explicações para a perda de vidas inglesas (para não mencionar as argentinas). A qualidade não-geográfica do nosso mundo leva muitos de nós a ignorar os motivos geográficos de tal compor-

17. Martin van Creveld, *The Transformation of War* (Nova York: The Free Press, 1991), p. 217.

18. John T. Rourke, *International Politics on the World Stage* (4ª edição; Guilford, Conn: Dushkin Publishing Group, 1993), pp. 117-18.

tamento, incluindo o fato de que as Malvinas estão próximas aos ricos recursos naturais da Antártica, provavelmente uma outra razão

veis, à opinião pública norte-americana.

Recentemente, vimos a relutância do povo norte-americano quanto à inter-

Por que os ingleses se arriscariam em uma guerra, sua reputação estratégica, atravessando meio mundo para reivindicar um amontoado de rochas no Atlântico Sul? Honra? Certamente que não.

para a guerra curta e desagradável ocorrida em 1982.

A probabilidade de depósitos de petróleo no mar do sul da China, a exploração do espaço sideral, e a ascensão da região-Estado são outros aspectos da influência da geografia sobre a estratégia que raramente recebem seu valor.¹⁹

RESULTADOS

Considerar as diversas subdivisões da Geografia poderá ajudar os líderes nacionais e estrategistas militares dos EUA a estabelecerem uma política sólida, ao enfocarem e explicarem nossas estratégias nacionais, em termos aceitá-

venção militar em países que não oferecem ameaça à nossa segurança nacional. Essa atitude pode estar ligada ao conceito de que nossas Forças Armadas existem para proteger e preservar nosso objetivo nacional. Nossos chefes da segurança nacional têm feito esforços desdobrados para justificar o custo de intervenções no exterior, porque têm sido incapazes de articular como tais aventuras servem aos objetivos e valores nacionais. Como resultado, eles têm, algumas vezes, apelado tanto para a falta de entendimento da Geografia mundial pelo povo, como tentar estimular uma desculpa messiânica para a operação em curso.

Se o povo norte-americano tivesse se dado conta de onde a Somália estava localizada, ou da sua dimensão (posta sobre o mapa dos EUA cobre uma área que

se estende do sul de Michigan, para leste, até o Maine e para o sul, até o extremo norte da Flórida), teria sido ele tão indiferente quanto ao envio de nossas forças para aquele país? Hoje, 2 anos após mais de 2000 homens terem sido desdobrados sobre a antiga Iugoslávia, quantos cidadãos norte-americanos são capazes de identificar as nacionalidades envolvidas naquele conflito ou articular como essa intervenção serve ao nosso objetivo nacional, além de *evitar futuros combates entre facções diversas?*

Até que o público decida a aprender, por si só, o que necessita saber sobre as questões de segurança, nossa prolongada ignorância sobre todos os aspectos da Geografia manter-nos-á igualmente ignorantes das reais questões envolvidas em tais decisões.

Os estrategistas precisam assumir a responsabilidade de sua própria educação, de forma a proverem orientação eficaz no estabelecimento da política de segurança nacional. Ninguém irá mostrar-lhes porque a nossa capacidade de intervir militarmente (conforme descoberto na Somália) é restringida pela Geografia.

19. Dois artigos recentes que tratam deste interessante desenvolvimento geopolítico são Robert D. Kaplan, "The Coming Anarchy," *Atlantic Monthly*, fevereiro de 1994, pp. 44-76; e Kenichi Ohmae, "The Rise of the Region State", *Foreign Affairs*, 72 (Spring 1993), pp. 78-87.

Em um recente artigo, Peter Wooley prestou um valioso serviço à profissão, iniciando um exame de variáveis geográficas (acesso e isolamento) para auxiliar analistas e formuladores de políticas a explicarem se, e como, a nação deve intervir militarmente em crises internacionais.²⁰ Wooley defende vigorosamente que seria ótimo que estudantes de política externa e de segurança nacional reconsiderassem a Geografia como um elemento essencial de análise, predição e recomendação políticas.²¹ Da mesma forma, Colin Gray salienta em um artigo recente que: *O argumento é que nem a localização geográfica, de algu-*

*ma forma geral mais simbólica, determina a política e a estratégia, nem as implicações daquela localização permanecem constantes à medida que a tecnologia evolui, mas sim que os fatores geográficos são difusos no mundo político. A Geografia define os jogadores (os quais são Estados organizados territorialmente ou que gostariam de ser), define freqüentemente os interesses em jogo, e define sempre em que termos eles medem a segurança relativa a outros.*²²

Essas duas fontes, por si só, seriam um bom começo para a educação de qualquer um. É importante para os estrategistas se refamiliarizarem com a composição

física do nosso planeta como distâncias, populações, cidades, eixo de transporte, meios de comunicação, e culturas. As questões sensatas empregadas para o desenvolvimento da Estratégia, as razões por que e onde os EUA irão à guerra nos próximos anos precisarão ser investigadas por estrategistas militares. Estes, juntamente com nossos líderes políticos e o público, necessitam resistir à tentação de acreditar que as Forças Armadas dos EUA pode fazer qualquer coisa em qualquer lugar. Não podem. A Geografia deveria estar entre as disciplinas importantes empregadas pelos estrategistas para determinar exatamente o que podemos fazer, e onde.

20. Peter J. Wooley, "Geography and the Limits of Military Intervention," *Conflict Quarterly*, 11 (Fall 1991), pp. 35-50.

21. *Ibid.* p.35

22. Colin Gray, *The Continued Primacy of Geography*, *Orbis*, 40 (Spring 1996), pp. 248-49.